

ROMEU E JULIETA NA HISTÓRIA DA LITERATURA OCIDENTAL

Elinês de A. V. e Oliveira (UFPB/DLEM/PPGL)

INTRODUÇÃO

Imortalizada por William Shakespeare (1564-1616) em sua versão dramática escrita entre os anos de 1593-4, a tragédia protagonizada por Romeu e Julieta é uma das histórias de amor mais conhecidas de toda a cultura ocidental. O enredo conta a trama do amor de dois jovens oriundos de famílias nobres, mas rivais. Para dar evasão a esse amor, afrontam as famílias casando-se escondido e enfrentam uma série de peripécias que culmina com a morte de ambos. Após a tragédia, as famílias, selam a paz entre si.

Graças à habilidade artística de Shakespeare, o tema tornou-se um marco indelével no cânone. No entanto, a sua popularidade antecede a escritura da peça do bardo inglês, continuando de forma sólida o seu percurso nos séculos que a sucederam. Nos nossos dias, assim como Proteu, alcançou a capacidade de traduzir-se em outras artes com o mesmo vigor estético. Segundo o crítico norte-americano Harold Bloom (2000), essa popularidade em caráter permanente se justifica pelo fato de que “a peça constitui a maior e mais convincente celebração do amor romântico da literatura universal”. (BLOOM, 2000:127).

ARQUÉTIPOS DO TEMA

Arquétipos de histórias de amor entre jovens amantes que acabaram de forma trágica já marcavam sua presença na literatura ocidental, muito antes da versão shakesperiana. Píramo e Tisbe, Tristão e Isolda, Abelardo e Heloísa são exemplos de enamorados cujas tragédias de amor já habitavam o imaginário coletivo da literatura.

De todas elas, a lenda de Píramo e Tisbe, cujo enredo remonta à Grécia antiga, ganha destaque neste artigo uma vez que tudo leva a crer que foi o enredo desta narrativa a matéria-prima que inspirou muitos outros autores ao longo dos séculos posteriores, inclusive o próprio Shakespeare, como será demonstrado em seguida.

A lenda pode ser resumida da seguinte forma: dois jovens que moravam em casas vizinhas, separadas apenas por uma parede, descobriram-se apaixonados, mas que não tinham o consentimento dos seus pais para viver este romance. Durante muito tempo, o casal trocou juras de amor por uma fresta que havia na parede que os separava.

Um dia, combinaram de fugir e de se encontrar numa floresta próxima, para enfim, poder viver a plenitude daquele sentimento. Assim o fizeram. Tisbe estava na floresta, no local combinado, quando ouve o ruído faminto de uma leoa. No desespero para fugir da fera, deixa cair sua capa que o animal estraçalha. Quando Píramo chega ao lugar do encontro, e encontra a capa estraçalhada e ensanguentada, conclui que sua amada foi devorada por algum animal e, sentindo-se culpado pelo acontecimento, enterra a espada no peito. Quando Tisbe retorna ao ponto marcado, encontra o amado agonizante. Compreendendo imediatamente o que aconteceu, a jovem retira a espada do peito do amante, cravando-a em seu próprio peito.

Apesar do papel determinante que o mito de Píramo e Tisbe teve na construção dramática de *Romeu e Julieta*, Shakespeare, no entanto, não foi o primeiro autor a recontar esta lenda na literatura inglesa. Os primeiros créditos dessa empreitada vão para Geoffrey Chaucer. Mais conhecido como o autor dos *Contos da Cantuária*, livro considerado por grande parte da crítica como o marco inicial da literatura inglesa, Chaucer escreveu também outra obra em verso, que é menos conhecida do que a primeira, mas que, nem por isso, menos importante. Está-se falando de *A lenda das mulheres boas*. Nesta obra Chaucer narra em versos a vida de algumas mulheres famosas e, entre elas, encontra-se a “*A lenda de Tisbe da Babilônia*”.

Contudo, o aproveitamento que Shakespeare fez do tema, foi indubitavelmente mais amplo. Há indícios de que Shakespeare tenha escrito *Sonho de uma noite de verão* (1595-6) na mesma época de *Romeu e Julieta* (1595-6). Uma das evidências que sustentam esta hipótese é que a lenda de Píramo e Tisbe foi reprocessada pelo dramaturgo em ambas as peças. Na versão dramática de *Romeu e Julieta*, alguns elementos da narrativa grega irão reaparecer nitidamente – a juventude dos enamorados, a rivalidade das famílias, o mal entendido que os leva à morte e o instrumento perfurante que os matou. Já em *Sonho de uma noite de verão*, o tema é inserido de forma diferente. Ele é introduzido através da pantomima que é apresentada como parte das comemorações do casamento de Teseu e Hipólita, encenada por Bottom e sua trupe.

AS NOVELAS ITALIANAS

Séculos depois, na Itália renascentista, a narrativa oral da tragédia dos dois jovens ganha registro escrito em formato de novela. O gênero literário conhecido como novela é uma narrativa curta, com poucos personagens, apresentando uma construção dramática e com unidade de ação. Surgido na Idade Média, este gênero popularizou-se na Europa primeiro através das Novelas de Cavalaria e, mais tarde, na Itália com a publicação de *O Decamerão*(1350) de Boccaccio.

As três versões narrativas do tema de *Romeu e Julieta* que se tem notícia são todas de origem italiana, e foram produzidas entre os séculos XV e XVI. A mais antiga delas é a do italiano Masuccio Salernitano. Em 1476, ele escreveu uma coletânea de 50 novelas, intitulada *Il Novellino*, dentre as quais se destaca o conto de número trinta e três que conta a história de Mariotto e Giannozza, dois jovens nobres, pertencentes a famílias rivais que se amam, mas que por causa do ódio existente entre as famílias têm seu amor proibido.

Em 1530, Luigi da Porto (1485-1529) faz a sua releitura do enredo de Salernitano, chamando os protagonistas agora de Romeu e Giulietta e intitulando o seu conto de *Historia novellamente ritratta di due nobili amanti*. Segundo Barbara Heliodora (1997), é esta a história que mais se aproxima à de Shakespeare, diz ela: “(...) os amantes são nobres, a cena é Verona, as famílias são Montecchi e Cappelletti. A diferença é que Julieta se apaixona primeiro e é bastante oferecida, mas o desenvolvimento é semelhante” (HELIODORA, 1997:08).

A terceira versão italiana dentro desse gênero literário foi a de Matteo Bandello, uma coletânea composta por 214 novelas publicada em 1554. Da novela intitulada *Romeo e Giulietta*, provavelmente, Shakespeare aproveitou o desenvolvimento da tragédia e os nomes de alguns personagens secundários da sua peça. O tom moralizante da novela era “advertir os jovens que eles devem governar seus desejos e não cair em paixões furiosas” (HELIODORA, 1997:08).

Uma vez demonstrado o percurso narrativo percorrido pelo tema em solo italiano, registra-se ainda que em Veneza, Clivio publicou um poema sobre a história no ano de 1553 e Luigi Groto transformou o enredo em uma peça, no ano de 1578.

ROMEU E JULIETA NA INGLATERRA

Antes de chegar à Inglaterra, o tema foi traduzido para o francês por Adrien Sevin em 1542 e por Boaistuau em 1559, que perpetuaram em suas novelas o padrão inaugurado pelo *Decamerão*. No entanto, a fonte mais próxima de Shakespeare da qual se tem notícia é o poema *A trágica história de Romeu e Julieta* de Arthur Brooke, composto por 3020 versos e publicado em 1559. Segundo Barbara Heliodora, o “poema é longo e tedioso” (HELIODORA, 1997:09). Ainda assim, logrou de popularidade à época, chegando inclusive a ser reeditado. Sobre o poema, Heliodora é categórica: “ele ofereceu a Shakespeare não só toda a trama da sua tragédia, como fartíssimas informações sobre a Itália, Verona, hábitos sociais e mil outros detalhes úteis para a criação da peça. As diferenças são a de visão moral, a de objetivos.” (HELIODORA, 1997:09).

Como foi apontado acima, apesar de ter usado o poema de forma reconhecida, Shakespeare operou algumas mudanças substanciais no percurso de *Romeu e Julieta*. Brooke pregava em seu poema que a desobediência de Julieta foi a causa deflagradora da tragédia dos dois jovens, uma vez que Julieta não quis ouvir os conselhos da mãe. Com seu poema Brooke deixa para os jovens a lição de que o ato de não obedecer às ordens dos pais pode gerar consequências amargas e irreversíveis. Esse tom moralizante foi refutado por Shakespeare em sua peça que retirou a responsabilidade da tragédia das mãos de Julieta, transferindo-a para as duas famílias nobres e o seu eterno ódio: Os Montéquios e os Capuletos. Na visão do bardo, a morte dos jovens deve-se a essa rivalidade e não à imprudência juvenil.

Um outro ponto que merece destaque em *Romeu e Julieta* de Shakespeare, é a linguagem. De todas as peças que Shakespeare escreveu *Romeu e Julieta* é a única que pode ser categorizada como uma “tragédia lírica”, devido à grande proporção de rima que o texto alcança: cerca de quinze por cento, segundo Barbara Heliodora (1997).

Em meio a todo o lirismo presente no texto, o dramaturgo também usa a forma poética do soneto como recurso cênico em três momentos do drama: o prólogo em forma de soneto abre a peça, sintetizando o enredo da trama, o local da cena, apresentando a guerra civil existente entre Montéquios e Capuletos, anunciando a tragédia dos jovens e a duração do espetáculo. Abrindo-se o segundo ato, tem-se mais uma vez a presença de um soneto, que desta vez celebra a inconstância do amor juvenil de Romeu. Antes apaixonado por Rosalina, bastou ver Julieta para ele se apaixonar

novamente “Mal a antiga paixão agonizava/ E o amor novo já quer o lugar dela” (SHAKESPEARE, 1997: 66). A terceira aparição do soneto marca de forma definitiva o primeiro encontro dos dois jovens, no baile dos Capuletos. Barbara HELIODORA, ratifica: “Romeu e Julieta tem de longe o mais alto percentual de rima entre as tragédias: 15,5% do seu texto é rimado. Como marcar o encontro dos dois jovens de forma definitiva? A solução é memorável: as primeiras catorze linhas de diálogo entre os dois formam um soneto. (HELIODORA, 1997: 43.)

No entanto, não é só de lirismo que é construída a linguagem de *Romeu e Julieta*. Através das falas de Mercúcio e de alguns servos, especialmente nas da Ama de Julieta, verifica-se a linguagem da praça pública em seus jargões, juramentos e trocadilhos de caráter obsceno. A linguagem da praça pública desestabiliza o lirismo ordenado da peça. Nesta relação entre o alto e o baixo, o elevado e o sublime tem-se a praxes shakesperiana da carnavalização, comum à época do Renascimento.

Por fim, uma última diferença que salta aos olhos entre as versões de Shakespeare e de Brooke: está-se referindo ao tempo da ação. No poema, os jovens permanecem casados por seis meses, enquanto em Shakespeare a ação inteira transcorre no período de cinco dias.

Muito ainda poderia ser dito sobre *Romeu e Julieta*, diante do tanto que a peça tem a oferecer. No entanto como o nosso intuito é apenas o de demonstrar algumas das marcas essenciais do percurso do tema dentro da história da literatura, na próxima sessão dar-se-á um pulo de vários séculos para ilustrar-se duas situações peculiares nas quais o tema foi retrabalhado no nordeste do Brasil.

ROMEUE JULIETA NO NORDESTE DO BRASIL

Verifica-se a partir de agora a configuração sertaneja que a que a história de Romeu e Julieta adquiriu em solo nordestino. Graças à resistência conferida pela tradição, a peça do dramaturgo inglês alcançou universalidade e fôlego para ultrapassar fronteiras aparentemente intransponíveis.

Tecida pelos bilros da memória, a tradição oral transforma novamente a peça shakesperiana em poesia, assumindo a forma de romance em verso da literatura de cordel. Dentro deste gênero literário tão característico da cultura brasileira, o casal de jovens venezianos renasce pelas mãos hábeis de João Martins de Ataíde, no romance de

cordel intitulado o *Romance de Romeu e Julieta* (1975) para, tempos depois, transformar-se novamente em texto dramático, dessa vez através das mãos de Ariano Suassuna.

Assim como Shakespeare, Ataíde e Suassuna também foram adaptadores. O processo de adaptação e de recriação era comum no universo do cordel, haja vista os inúmeros exemplos que se tem a respeito, como é o caso de *A escrava Isaura* e *Amor de Perdição*, o último uma adaptação feita também por Ataíde. Em seu teatro, Suassuna igualmente reprocessa temas de autores clássicos da literatura ocidental – como Plauto, por exemplo, além de empregar largamente a narrativa dos folhetos de cordel, que vai servir de elemento basilar na elaboração de suas peças.

No caso específico da peça *Romeu e Julieta*, Suassuna trabalhou duas versões do tema, em momentos distintos de sua produção dramática. A primeira releitura da obra shakesperiana veio com *Uma mulher vestida de sol* (1947), tragédia que conta a história de Rosa e Francisco, jovens apaixonados, mas que não podem vivenciar esse amor devido ao ódio que separa as duas famílias por questões de disputa de terra. O fascínio pelo tema fez com que, exatamente trinta anos depois da publicação de *Uma mulher vestida de sol*, Suassuna voltasse a trabalhá-lo em *A história do amor de Romeu e Julieta* (1997). Em seu processo de adaptação, além da releitura da obra homônima de Shakespeare, Suassuna também recria sobre o folheto de cordel intitulado *Romance de Romeu e Julieta* assinado pelo poeta paraibano João Martins de Ataíde, considerado um dos autores clássicos da poética cordelista. Longe da “angústia da influência” apontada por Harold Bloom, Suassuna comparou o ofício do cantador de viola ao do dramaturgo, declarando:

O cantador nordestino não se detém absolutamente diante dessas considerações: apropria-se tranqüilamente dos filmes, peças de teatro, notícias de jornal e mesmo dos folhetos dos outros. Que importa o começo, se, no final, a obra é sua? Ele, depois de tudo, acrescentou duas ou três cenas, torceu o sentido de três ou quatro outras, de modo que a obra resultante é nova. Não era assim que procediam Molière, Shakespeare, Homero e Cervantes? ... Os cantadores procedem do mesmo jeito. Há mesmo, uma palavra que entre eles, indica o fato, o verbo versar, que significa colocar em verso a história em prosa de outro. Quando Shakespeare escreveu *Romeu e Julieta* não fez mais do que versar as crônicas italianas de Luigi Dal Porto e Bandello. (SUASSUNA, 1973: 155)

Partindo-se do testemunho do próprio Suassuna, quando no recorte anterior baliza o seu processo de criação, resta-nos apontar os elementos estruturais da peça que ele utilizou para transformar *A história do amor de Romeu e Julieta* em uma obra nova e diferenciada.

Uma destas mudanças diz respeito ao espaço da ação dramática. Numa mudança perspicaz, Suassuna faz uma adaptação que, além de reforçar o clima de rivalidade da ação dramática, reflete também as vozes da sua própria experiência cultural. Enquanto Ataíde aceita a idéia inicial de Shakespeare a respeito do local da ação, a cidade de Verona, Suassuna substitui Verona e Mântua por Recife e Olinda, respectivamente. Ora, uma vez que se sabe que há registros de rivalidades históricas entre estas duas cidades, nesta atitude, Suassuna amplia o tom da tragédia familiar de Montéquios e Capuletos para as dimensões históricas e geográficas da ação.

Vejamos, agora, as falas iniciais de *A história do amor de Romeu e Julieta*:

Vou contar neste romance
a desdita de Romeu
Na sua curta existência
de tudo que padeceu
Foi a lenda mais tocante
que a nossa imprensa escreveu

Essa história é conhecida
em quase toda a nação
No teatro e no cinema
tem causado sensação
Deixando amarga lembrança
no mais brutal coração. (SUASSUNA, 1997, p. 02).

Percebe-se que Suassuna inicia seu texto dramático utilizando-se das mesmas sextilhas com que Ataíde inicia o seu texto poético, plenamente consciente do trabalho de recriação empreendido. Outro fato que chama a atenção é que, além da cadeia intertextual estabelecida com Ataíde, com Shakespeare e com outros textos fundadores como o de Bandello e Dal Porto, Suassuna sugere outra rede dialógica, desta vez de caráter semiótico, ao afirmar que esta mesma história, já foi traduzida por outras mídias, como é o caso do teatro, do cinema e da imprensa. Neste momento ele aponta para as muitas traduções do tema feitas por outras linguagens – como a pintura, a música, a dança, o cinema e a televisão, por exemplo – as quais, graças às suas especificidades, dialogaram com o texto literário e ajudaram a perenizar o tema de *Romeu e Julieta* na memória universal.

Rematando esta seção, gostaríamos de apontar para mais um fato: Suassuna elaborou seu texto mantendo a forma clássica da narrativa cordelista: a sextilha. Ao construir os seus diálogos dentro do modelo de sextilhas, ou seja, ao utilizar a forma clássica de verso adotada pelo cordelista para se expressar, Suassuna manteve a tradição e a identidade da poesia de cordel, mesmo em se tratando de um texto dramático.

Seguindo o trânsito do regional para o universal, Suassuna ratifica outro vínculo com Shakespeare. Sabe-se que a versão Shakesperiana de *Romeu e Julieta* é a peça que possui o maior percentual de rima entre todas as tragédias escritas pelo bardo, como já foi apontado antes. Desta forma, mesmo utilizando-se de uma forma peculiar de poesia regional – o cordel, Suassuna continua dialogando com a versão shakespeariana no tocante a poesia que se encontra dentro do texto dramático, como afirmou Bárbara Heliodora.

Outra idiossincrasia do texto suassuniano diz respeito às famílias rivais: os Montéquios e os Capuletos. Enquanto o texto shakesperiano apresenta as duas famílias como “duas casas de iguais em seu valor” (SHAKESPEARE, 1997:17); na peça de Suassuna, a família Montéquio representava o bem e os valores de honradez, tão caros ao código de ética do nordestino; ao passo que a família Montéquio representava o lado sórdido do ser humano, podendo o Duque Montéquio ser associado à imagem do Diabo, figura muito popular no universo do cordel.

Colocada desde o início da peça, a síncrise dialógica entre o Bem e o Mal representada, respectivamente, pelo Conde Capuleto e o Duque Montéquio tem um propósito bem definido. Enquanto na versão shakesperiana, o lado enfatizado da peça é a guerra civil existente entre as famílias Capuleto e Montéquio, guerra esta que só termina com a morte dos dois jovens; na visão do dramaturgo nordestino Romeu é o grande responsável pelo desencadeamento da tragédia, por ter traído o juramento que fez ao pai de vingar a morte da mãe. Na mesma cena em que o pai informa o filho sobre a trágica morte da mãe, ele também cobra a sua retratação, através da vingança.

Romeu recebe o punhal do pai e jura realizar a vingança que lhe é atribuída. Neste ínterim, porém, conhece Julieta e se apaixona perdidamente por ela. Naquele momento, o jovem precisa de fazer uma opção entre o amor de Julieta e o amor de seu pai. Na cena abaixo, diante de Julieta, ele faz a sua escolha:

Teu pai matou minha Mãe,
quando eu era menino.
Jurei vingar essa morte,
porém decreta o Destino

Que tudo seja esquecido,
ante o teu rosto divino!

Serei perjuro! Jamais
a meu Pai voltarei!
A teus pés, divina imagem,
teu escravo serei!
Juro que junto de ti
viverei e morrerei! (SUASSUNA, 1997:15)

A escolha de Romeu não deixa dúvidas: ele prefere o amor de Julieta quebrando o juramento que fez ao Pai. Outro dado apresentado no texto e que acentua o tema da vingança diz respeito à idade de Romeu. Sabe-se que o Romeu imortalizado por Shakespeare é muito jovem, beirando os dezesseis anos. Já o Romeu de Suassuna é mais velho, segundo o texto ele está com 20 anos, portanto muito mais consciente da sua responsabilidade de vingar a mãe, lavando com sangue a honra da família, como seu pai esperava dele. Na versão de Suassuna, portanto, Romeu não é apresentado como um herói trágico, mas sim, como um covarde que traiu o pai cedendo ao amor de uma mulher, como fica claro nas últimas falas da peça:

Romeu foi falso a seu pai,
vem daí o seu castigo.
Faltou-lhe tenacidade:
não percebeu o perigo
De se casar com a filha
de seu pior inimigo!

Foi este o maior motivo
de sua infelicidade.
Romeu traiu a família,
faltou-lhe com a lealdade.
Onde existe um ódio antigo
não pode haver amizade. (SUASSUNA, 1997, p. 29)

Constata-se assim que, mesmo retrabalhando um tema universal, Suassuna foi inovador ao utilizar como lastro dramático a tradição da literatura de cordel. Elemento fundador da cultura nordestina, a literatura de cordel empresta tanto o seu texto em verso para recriação do dramaturgo como também alguns dos seus temas mais fecundos, como por exemplo, a religiosidade, a honra, o sangue e a família, assumindo o papel de correia transmissora de alguns valores culturais nordestinos. Valores que, fixados ao longo do tempo e das peculiaridades regionais, condensam e expandem os princípios da escritura trágica em *A história do amor de Romeu e Julieta*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se, então, uma urdidura composicional singular na história trágica dos dois jovens amantes. O enredamento da trama começa com os fios tecidos pela memória da lenda de Píramo e Tisbe, aos quais, mais tarde ganham contorno com as novelas italianas renascentistas, até se desenharem em definitivo com o poema de Arthur Brooke. Shakespeare, por sua vez, acrescentando novos fios e combinações, transformou o mote inicial em linguagem dramática, rica de lirismo e sutilezas. Graças à resistência conferida pela tradição, a peça do dramaturgo alcança universalidade e fôlego para atravessar os séculos e ultrapassar fronteiras aparentemente intransponíveis. Numa destas incursões, chega ao Brasil, renascendo e florescendo renovada pelas peculiaridades culturais da região, endossando assim as palavras de Frye, quando este afirmou que “*O escritor original não é aquele que concebe uma história nova – não existem histórias novas, na verdade -, mas aquele que conta uma das histórias mais famosas do mundo de uma maneira nova*” (FRYE, 1999, p.46).

REFERÊNCIAS

BLOOM, Harold. Romeu e Julieta In: *Shakespeare: a invenção do humano*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. Pp 124-143.

FRYE, Northrop. *Sobre Shakespeare*. (trad. Simone Lopes de Mello). São Paulo: EDUSP, 1999. 228 p.

SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*. (trad. Bárbara Heliodora). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 223 p.

SUASSUNA, Ariano. *A história de amor de Romeu e Julieta*. Folha de S. Paulo, Caderno Mais. 19 jan.1997. 33.

_____. A compadecida e o romanceiro nordestino. In: *Literatura Popular em verso*. Estudos. Tomo I. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1973. Pp. 153-164.